

Capítulo 14

Narrativas e significações de famílias acerca do trabalho (Im)possível na educação infantil durante a Covid-19^{1 2}

Narraciones y significados de las familias sobre el trabajo (Im)posible en la educación infantil durante la Covid-19³

DOI: <https://doi.org/10.67595/narrativas-familias-educacao-infantil-covid19>

Eliane Dutra de Souza

*Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil*

<https://orcid.org/0009-0005-8303-9748>
pedagogaelianema71@gmail.com

Luciana Haddad Ferreira

*Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Brasil*

<https://orcid.org/0000-0002-8440-7347>
luciana.haddad@puc-campinas.edu.br

Resumo

Este capítulo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Campinas, motivada pela necessidade de compreender como famílias brasileiras compreenderam as práticas pedagógicas da Educação Infantil durante o isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19. A problemática surgiu da constatação de que, diante das mudanças na rotina escolar, era fundamental escutar os familiares para compreender suas percepções sobre o desenvolvimento das crianças. O objetivo principal foi discutir as significações atribuídas pelas famílias às propostas realizadas pelas educadoras, investigando encontros e desencontros entre expectativas familiares e ações escolares. A pesquisa, de abordagem narrativa, utilizou como metodologia a escuta de narrativas orais de 12 familiares de crianças matriculadas em escola do município de Campinas, Brasil, e teve como referência teórica os conceitos freireanos de dialogicidade e comunidade, aliados à análise orientada pelo Paradigma Indiciário. As conclusões indicaram que, apesar das dificuldades materiais, emocionais e tecnológicas enfrentadas, houve esforço das educadoras em manter vínculos e promover o desenvolvimento infantil por

¹ Este trabalho é uma produção vinculada ao Grupo de Pesquisa GentES – Escola, Formação e Políticas.

² Derivada da dissertação intitulada “Educação Infantil e Pandemia da Covid 19: narrativas das famílias” para obtenção do grau de Mestre no programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Defendida: 19/11/2024.

³ Esta obra es una producción vinculada al Grupo de Investigación GentES – Escuela, Formación y Políticas.

meio de práticas reinventadas. A colaboração entre escola e família, ainda que marcada por tensões, revelou-se essencial para sustentar o processo educativo e construir uma relação dialógica, sensível às realidades das crianças e seus contextos.

Palavras-chave: Educação Infantil; Covid-19; Família e escola; Práticas pedagógicas; Narrativa.

Resumen

El capítulo presenta una investigación del Programa de Posgrado en Educación de la PUC-Campinas, que buscó comprender cómo las familias brasileñas percibieron las prácticas pedagógicas de la Educación Infantil durante el aislamiento social por la pandemia de Covid-19. La inquietud surgió ante las transformaciones en la rutina escolar, destacando la importancia de escuchar a las familias para entender mejor el desarrollo de las niñas y niños. El objetivo fue analizar los significados que los familiares atribuyeron a las propuestas realizadas por las educadoras, identificando coincidencias y divergencias entre expectativas familiares y acciones escolares. La investigación, de enfoque narrativo, se basó en entrevistas orales con 12 familiares de niños matriculados en una escuela del municipio de Campinas, Brasil. La fundamentación teórica se apoyó en los conceptos freireanos de dialogicidad y comunidad, y utilizó el Paradigma Indiciario como orientación analítica. Los resultados señalaron que, a pesar de las limitaciones materiales, emocionales y tecnológicas, las educadoras buscaron mantener vínculos y promover el desarrollo infantil mediante prácticas adaptadas. La colaboración entre escuela y familia, aunque marcada por tensiones, fue esencial para sostener el proceso educativo y construir una relación más dialógica y sensible a las realidades concretas de las infancias y sus contextos.

Palabras clave: Educación Infantil; Covid-19; Familia y escuela; Prácticas pedagógicas; Narrativa.

Introdução

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, atende crianças de quatro meses a cinco anos de idade e está regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira (LDB – Lei nº 9.394/96). Muito além da transmissão de conteúdos, ela oferece um espaço de socialização, de experiências coletivas e de construção de vínculos que contribuem para o desenvolvimento integral das crianças. No entanto, durante os anos de 2020 e 2021, esse processo foi interrompido pela pandemia da Covid-19, que impôs o fechamento das escolas e instaurou o ensino remoto emergencial em todas as etapas educacionais.

Nesse contexto, crianças pequenas foram afastadas do ambiente escolar e das interações que lhes são tão fundamentais. Se para os mais velhos o ensino remoto já representava desafios, para a Educação Infantil os obstáculos foram ainda maiores. A

ausência da convivência com colegas, educadoras/es e com o espaço estruturado da escola impactou diretamente o cotidiano das crianças e suas possibilidades de aprender, brincar, se expressar e se desenvolver em coletivo. Embora o isolamento tenha sido necessário para conter o avanço do vírus e preservar vidas, os efeitos desse afastamento sobre as crianças pequenas exigam atenção e cuidado.

As escolas, ainda em meio às incertezas do cenário pandêmico, buscaram diferentes estratégias para manter algum vínculo com as famílias e oferecer atividades possíveis de serem realizadas no ambiente doméstico. Como observa Rocha (2022), o ano de 2020 foi marcado por ações tímidas, elaboradas para o curto prazo, enquanto se experimentavam alternativas para lidar com uma realidade completamente nova.

Na Educação Infantil, a escola é mais do que um local de ensino: é um território de vivências, relações e construção de sentidos. É na sala de referência – espaço compartilhado cotidianamente pelas crianças e educadoras/es – que se constroem amizades, se enfrentam desafios e se celebram conquistas. Loponte (2013, p.926) afirma que “a sala de aula é um espaço em que se é entendida, ouvida, lida e escrita”. Nessa perspectiva, a convivência com o coletivo permite que a criança se perceba como parte de um grupo, desenvolvendo empatia, cooperação e respeito às diferenças.

Durante o isolamento, muitos desses processos foram interrompidos ou ressignificados. A casa tornou-se o novo espaço de aprendizagem, e a família, protagonista no acompanhamento das propostas pedagógicas. Diante disso, tornou-se urgente refletir sobre como se deu essa mediação e qual foi o papel das famílias nesse período. A escola, que sistematiza saberes e amplia o repertório cultural e estético das crianças, precisou buscar caminhos para manter viva sua função formadora, mesmo à distância.

Nesse sentido, Loponte (2013) destaca a potência da arte e da estética como elementos constitutivos do fazer docente, capazes de criar experiências sensíveis e reflexivas que contribuem para o desenvolvimento integral das crianças. A escola, ao integrar saberes sistematizados com abordagens criativas e mediadoras, transforma-se em um espaço de escuta, invenção e expressão, que valoriza tanto a razão quanto a emoção.

Ao iniciarmos esta pesquisa, percebemos que, embora houvesse um volume significativo de produções acadêmicas sobre os impactos da pandemia na Educação, poucos estudos se dedicaram a compreender as experiências das famílias na Educação Infantil. Essa lacuna se revelou também nos documentos oficiais: as Diretrizes Curriculares Municipais da Educação Infantil de Campinas (2013), por exemplo, mencionam as famílias apenas superficialmente. Em contrapartida, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância do diálogo e da parceria entre escola e família como condição essencial para o desenvolvimento das crianças pequenas.

Realizamos buscas no portal de periódicos da Capes utilizando os descritores “Pandemia da Covid-19” AND “Educação Infantil” e “Pandemia da Covid-19” AND “Relação família-escola”. Identificamos um número significativo de publicações, 87 artigos relacionados à primeira combinação e 92 à segunda, desconsiderando duplicidades. No entanto, observamos que poucas dessas produções tratam diretamente da percepção das famílias ou tomam a Educação Infantil como eixo central de análise. Dentro desse recorte, apenas 9 artigos se mostraram pertinentes à temática da relação entre família e escola, sendo que apenas um deles abordava especificamente a perspectiva das famílias.

Diante desse cenário, esta pesquisa teve como objetivo compreender, a partir das narrativas das famílias, como se constituíram as práticas pedagógicas na Educação Infantil durante a pandemia da Covid-19. A investigação se propôs a dar visibilidade às vozes familiares, reconhecendo-as como fundamentais no processo educativo e buscando entender os sentidos atribuídos por elas às vivências escolares mediadas pela distância.

Tendo Paulo Freire como autor principal que fundamenta esta investigação, reconhecemos na sua obra a base teórica que sustenta nossa compreensão sobre a prática educativa. Inspirada por seu pensamento, defendemos a educação como uma prática libertadora, construída na escuta, no diálogo e no reconhecimento do outro como sujeito de saber.

Freire (1987) nos convida a compreender o diálogo como parte da natureza histórica dos seres humanos. É por meio dele que se constrói o conhecimento, que se reconhece a cultura do outro, que se transforma a realidade. Nessa perspectiva, ensinar é muito mais do que transmitir conteúdos: é provocar, acolher, refletir junto. E é nesse espírito que esta pesquisa se inscreve: no desejo de escutar, de entender e de narrar as experiências das famílias, contribuindo para uma educação mais sensível, dialógica e comprometida com a formação plena das crianças.

Marco de referência

Ao refletirmos sobre a temática desta pesquisa, ancoramo-nos nas contribuições de Paulo Freire, cuja obra continua inspirando práticas educativas comprometidas com a transformação social. O autor dizia: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1987, p.25). Dentre os muitos conceitos que atravessam seu pensamento, destacamos a dialogicidade e a noção de comunidade como pilares de uma educação que se quer libertadora. Para Freire (1996), ensinar não se resume à simples transmissão de conteúdos; trata-se, sobretudo, de criar espaços de escuta, conversa e reflexão, onde professoras/es, crianças e famílias possam construir saberes coletivamente.

A educação, nesse sentido, é entendida como prática da liberdade, um processo que não se limita ao domínio técnico, mas que busca formar sujeitos críticos, conscientes de sua realidade e capazes de intervir nela. O diálogo emerge, então, como uma ferramenta potente, capaz de acolher diferentes perspectivas, valorizar a diversidade de experiências e estimular a autonomia dos aprendentes. Como afirma Freire (1987, p. 64), “o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos”.

Optar por uma perspectiva freireana é, portanto, reconhecer que a educação extrapola os muros da escola e se faz também nas relações que estabelecemos no cotidiano, nos valores que cultivamos e nas escolhas éticas que orientam nossas ações. Freire (1996) ressalta que a formação ética está ligada à nossa capacidade de comparar, valorizar, intervir, escolher e decidir. Do mesmo modo, a dimensão estética da educação nos convida a perceber a beleza nas pequenas coisas, a acolher a sensibilidade e a promover uma prática pedagógica que una ética, pureza e decência.

Ao nos debruçarmos sobre as experiências vividas pelas famílias durante o período da pandemia de Covid-19, buscamos compreender as complexidades que marcaram a relação entre escola e família na Educação Infantil, assim como os sentidos atribuídos ao desenvolvimento infantil nesse contexto. Essa análise revelou a presença de algumas palavras e expressões recorrentes nas narrativas, que foram sistematizadas e destacadas por meio de uma nuvem de palavras, permitindo visualizar os eixos estruturantes da investigação.

Para aprofundarmos ainda mais a compreensão desse fenômeno, estabelecemos um diálogo entre as ideias de Freire e os fundamentos da Teoria Histórico-Cultural de Lev Vigotski. Esta perspectiva teórica contribuiu significativamente para a construção dos referenciais da pesquisa, ampliando o olhar sobre a dinâmica entre o meio social, a mediação e o desenvolvimento da criança. A partir dessa interlocução, foi possível reconhecer como as interações familiares e escolares, mesmo em tempos de distanciamento, mantiveram um papel crucial na formação das crianças pequenas, reforçando a importância de uma educação sensível, dialógica e humanizadora.

Com a disseminação do vírus SARS-CoV-2, as atividades escolares presenciais foram abruptamente suspensas, ocasionando mudanças significativas na dinâmica familiar e na forma como as crianças passaram a aprender. A Teoria Histórico-Cultural de Lev Vigotski oferece importantes contribuições para a compreensão dos impactos desse cenário, no qual o processo de aprendizagem precisou ser rapidamente reorganizado, agora atravessado pelo distanciamento físico e pelo uso intensivo de recursos tecnológicos.

Para Vigotski (1934), as funções psicológicas superiores — como a memória voluntária, a atenção concentrada e o pensamento abstrato, são constituídas a partir das interações sociais e culturais. Com o advento da pandemia, essas interações foram profundamente limitadas. As crianças, que antes estavam inseridas em ambientes coletivos de aprendizagem, cercadas por colegas e educadoras, passaram a se relacionar predominantemente com telas, buscando construir conhecimentos e desenvolver habilidades em meio a uma mediação tecnológica e sem o contato direto com os/as professoras/es. Apesar de as tecnologias digitais terem desempenhado um papel importante nesse período, elas não foram capazes de substituir a presença física, o afeto e a atenção individualizada proporcionados nas salas de aula.

Nesse novo arranjo, muitas famílias assumiram o papel de mediadoras do processo educativo. O lar, que antes era espaço de convivência familiar, descanso e afeto, passou a concentrar também as atividades escolares. Tornou-se comum observar cenas como a de uma criança sentada à mesa da cozinha enquanto os pais, trabalhando remotamente, tentavam conciliar as demandas profissionais com as exigências do ensino doméstico. As condições eram muito diversas: algumas crianças contavam com ambientes organizados e silenciosos, enquanto outras dividiam o espaço e a atenção com irmãos, barulhos domésticos e ruídos vindos da vizinhança.

Segundo Vigotski (1933), o ambiente em que a criança está inserida não atua como um simples pano de fundo, mas como um elemento ativo em seu processo de desenvolvimento. Durante a pandemia, essa influência do meio foi evidenciada de forma intensa. Como explica o autor, o impacto que uma situação exerce sobre a criança depende da maneira como ela a vivencia. A vivência, enquanto interpretação subjetiva da experiência, determina os efeitos

dessa situação no desenvolvimento da personalidade e das funções psicológicas da criança.

[...] os elementos existentes para determinar a influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento de sua personalidade consciente é a vivência. A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influência essa situação ou esse meio exercerá na criança [...] o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro” (Vigotski, 1933, pp. 683-684).

Entender o papel do meio como algo relativo, e não absoluto, é essencial. Embora todas as crianças tenham vivido o contexto da pandemia, cada uma experimentou essa realidade de maneira singular, a partir das condições materiais, afetivas e culturais de seu entorno. Assim, as experiências infantis foram marcadas por diferentes formas de compreender e sentir os acontecimentos, influenciando diretamente seus percursos de desenvolvimento.

Com o passar do tempo, as crianças começaram a encontrar novas formas de se apropriar dos espaços e ressignificar o cotidiano. A sala de estar tornou-se cabana, o corredor virou pista de corrida, e os brinquedos, antes presentes na escola, foram utilizados para reconstruir fragmentos do mundo exterior dentro de casa. Ainda que essas adaptações revelassem a potência criativa da infância, nem todas as crianças vivenciaram o brincar da mesma forma. Para algumas, a brincadeira seguiu sendo uma via de expressão e descoberta do mundo; para outras, a ausência dos pares tornava essa experiência mais solitária e limitada.

Além das contribuições de Paulo Freire e Lev S. Vigotski, cujas obras ofereceram os principais fundamentos teórico-metodológicos desta pesquisa, os estudos selecionados na revisão de literatura também desempenharam papel fundamental na sustentação das análises que foram desenvolvidas. Esses trabalhos ampliaram a compreensão sobre as práticas educativas na Educação Infantil e sobre as relações estabelecidas entre escola e família, especialmente em contextos adversos como o da pandemia da Covid-19. Dessa forma, a interlocução entre autores clássicos e contemporâneos possibilitou o aprofundamento crítico do tema, garantindo à investigação um olhar atento às dimensões históricas, sociais e pedagógicas que atravessaram o cotidiano educativo.

Percurso metodológico

Há mais de duas décadas o recurso das narrativas vem sendo usado na formação docente e na pesquisa. Essa temática entrou no Brasil a partir de Nóvoa (1991, 1992) com as histórias de vida de professores, seguido por Connelly e Clandinin (1995), entre outros. O uso das narrativas como método de investigação ou de pesquisa decorre, em parte, da insatisfação com as produções no campo da educação que se caracterizaram por falar sobre a escola em vez de falar com ela e a partir dela. (Lima et al., 2015, p. 2)

Adotamos a abordagem narrativa por reconhecermos, na arte de narrar, um potente instrumento de expressão, escuta e reflexão. Desde cedo, experimentamos o fascínio pelas narrativas, que nos permitiam mergulhar em histórias, memórias e partilhas significativas. Esse encantamento nos conduziu à escolha metodológica e nos aproximou de estudos que valorizam as experiências humanas como fonte de conhecimento e construção de sentidos.

Ao percorrermos diferentes pesquisas narrativas, deparamo-nos com a citação de Prado et al. (2018, p. 3), que afirma: “[...] a vida de um investigador narrativo não é tão simples como pode parecer aos olhos daqueles que relutam em validar a investigação narrativa como uma opção metodológica de pesquisa no campo da educação.”. Essa frase reverberou em nós, pois já compreendíamos que a metodologia narrativa apresenta desafios e complexidades tão significativos quanto qualquer outra abordagem de pesquisa. Entre essas particularidades, dedicamo-nos à interpretação do material produzido com rigor, sem abrir mão da flexibilidade necessária para captar as nuances e subjetividades próprias desse tipo de investigação. Buscamos, assim, equilibrar a precisão analítica com a sensibilidade interpretativa, mantendo o compromisso com a qualidade e a consistência da pesquisa científica.

O percurso metodológico trilhado nesta pesquisa contempla o campo da Educação Infantil, com ênfase nas relações entre família e escola durante o período de isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e de cunho narrativo, que buscou compreender as significações das famílias sobre o desenvolvimento das crianças pequenas em um contexto de ensino remoto emergencial. A escolha por uma abordagem narrativa se justificou pela natureza subjetiva e contextual das experiências vividas pelas famílias, as quais foram acessadas por meio de narrativas gravadas, transcritas e analisadas à luz dos referenciais teóricos da área. Ao ouvir e interpretar as narrativas das participantes, buscamos compreender não apenas os acontecimentos, mas os modos como foram vivenciados e ressignificados no contexto da Educação Infantil. A pesquisa narrativa, nesse sentido, nos possibilitou um olhar sensível e comprometido com a escuta, com a memória e com a complexidade da experiência humana, contribuindo para uma leitura mais profunda da relação entre escola e família em tempos de crise.

Optar pela narrativa é um modo particular de fazer e entender a pesquisa, que valoriza as possibilidades interpretativas de uma temática necessariamente relacionada com experiências vividas pelo narrador, que ao relatar também tece articulações com os pressupostos teóricos considerados. É concepção que tem cunho social e visa compreender as transformações ocorridas no processo, captando as tensões e os dados subjetivos, muitas vezes não previstos no início da pesquisa (Aguiar e Ferreira, 2021, p.5).

Essa abordagem pode promover o empoderamento e a participação ativa no processo de pesquisa, aspectos que foram fundamentais para a seleção dessa metodologia. “Escolher a narrativa como gênero e método, então é assumir a pesquisa como movimento de autoria e formação” (Aguiar e Ferreira, 2021, p. 4)

E, neste contexto, convidamos você a imaginar um mundo onde as salas de aula se transformaram em palcos virtuais e as crianças, junto com suas famílias, se tornaram heroínas

e heróis de uma narrativa educacional épica durante uma pandemia global. As famílias, agora coprotagonistas, desempenharam papéis fundamentais nesse enredo, enfrentando desafios emocionais e práticos enquanto apoiavam os pequenos heróis em sua jornada de aprendizado remoto. Este foi o cenário de nossa pesquisa: uma busca para compreender e valorizar as experiências únicas enfrentadas por crianças da Educação Infantil, suas famílias e educadoras e educadores durante tempos desafiadores.

La investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de la educación. La razón principal para El uso de La narrativa en La investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente vivimos vidas relatadas (Connelly & Clandinin, 1995, p.11).

A centralidade das narrativas na compreensão dos processos educativos tem como base o reconhecimento de que nossas experiências são construídas e compartilhadas por meio de histórias. No campo da educação, essa abordagem possibilita o acesso aos sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências, permitindo que se revelem dimensões subjetivas, contextuais e relacionais que muitas vezes escapam a métodos mais tradicionais de investigação. Assim, ao considerar os seres humanos como contadores de histórias, a pesquisa narrativa valoriza a escuta sensível, a memória e a singularidade de cada trajetória.

As narrativas analisadas nesta pesquisa foram produzidas por doze mães de crianças matriculadas na Educação Infantil em uma escola pública do município de Campinas/São Paulo - Brasil. As participantes foram convidadas a compartilhar vivências relacionadas ao período do ensino remoto emergencial, com ênfase em suas percepções sobre o desenvolvimento infantil e nas estratégias familiares adotadas para lidar com os desafios daquele contexto. A seleção dos participantes seguiu critérios específicos, como a maioria, a participação ativa nas atividades escolares durante o isolamento social, período de 2020 a 2021 e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A captura das narrativas foi realizada por meio de gravações de áudio via WhatsApp, em momentos definidos pelas próprias participantes, respeitando seus tempos e disponibilidade. A pergunta norteadora que orientou as narrativas foi: **“Por favor, lembre as situações que vivenciaram junto com a criança durante as aulas remotas e escolha uma proposta pedagógica especialmente significativa ou impactante para compartilhar em detalhes.”** A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme o CAAE nº 75687223.6.0000.5481 e parecer nº 6.587.082.

[...] a gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito. Todas as palavras estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto. Ela transmite todas as qualidades distintivas da comunicação oral, em vez da escrita. O testemunho falado jamais se repetirá do mesmo modo (Thompson, 1998, pp. 146-147).

A citação de Thompson (1998) destaca a riqueza da comunicação oral como um meio de registro mais fiel e detalhado das interações humanas, comparado ao simples registro escrito. Ao utilizar a gravação como ferramenta de coleta de dados, reconhecemos que o testemunho falado carrega consigo uma série de nuances que refletem não apenas o conteúdo, mas também a emoção, o contexto e a espontaneidade da interação. Essa abordagem permite que a pesquisa capture a autenticidade das experiências e sentimentos das participantes, oferecendo uma visão humana dos relatos compartilhados.

Compreensões a partir da escuta das famílias

A pesquisa foi conduzida sob o olhar do paradigma indiciário, conforme proposto por Ginzburg (1989), que valoriza pequenos indícios, pistas e detalhes aparentemente sutis, mas que, quando lidos com atenção e sensibilidade, revelam aspectos profundos da experiência humana. Assim como afirmam Aguiar e Ferreira, “o movimento da pesquisa, no Paradigma Indiciário, se dá num constante registrar, observar e decifrar. Destina-se a ampliar as oportunidades de pesquisa na Micro História” (2021, p.10). Esse paradigma dialoga de maneira potente com a investigação narrativa, pois parte do princípio de que as histórias de vida e os relatos singulares carregam marcas sutis, reveladoras da cultura, das relações e das transformações vividas pelos sujeitos.

Para a análise, seguimos procedimentos de escuta e leitura atenta, organização temática e interpretação dos sentidos construídos nas falas, preservando a integridade das experiências e priorizando uma compreensão contextualizada das narrativas. Assim, buscamos construir um retrato plural das vivências familiares durante a pandemia, valorizando os saberes cotidianos e os vínculos entre escola e família.

A escuta dessas narrativas exigiu uma postura ética e atenta, com o compromisso de criar um ambiente de confiança e acolhimento, no qual as participantes se sentissem à vontade para narrar suas experiências com liberdade e profundidade. Após o registro, as gravações foram transcritas integralmente, resguardando a oralidade e o modo próprio de cada participante se expressar. Esse cuidado mostrou-se fundamental para que a análise não apagasse a riqueza subjetiva contida nas falas.

A leitura e interpretação das narrativas foram conduzidas em diálogo com os referenciais teóricos da Educação Infantil, da formação docente, das relações família-escola e da própria metodologia narrativa. Os trechos mais significativos foram destacados com base em recorrências temáticas, marcas afetivas, tensões, deslocamentos e reconstruções de sentido, conforme propõe o olhar indiciário. A análise não seguiu um roteiro fixo, mas sim um movimento circular de escuta, leitura, reflexão e retomada, respeitando o caráter vivo e dinâmico dos relatos.

Esse processo revelou, com grande potência, os sentidos atribuídos pelas famílias à escola, ao vínculo com os professores, ao desenvolvimento das crianças e à própria experiência do isolamento. Mais do que respostas, o que emergiu dessas histórias foram perguntas, inquietações e aprendizados, elementos que constituem o cerne de uma pesquisa comprometida com a escuta e com a valorização de vozes que, muitas vezes, são silenciadas nos discursos oficiais.

A pandemia impôs desafios sem precedentes às escolas, exigindo reinvenção e a adoção de estratégias pedagógicas capazes de se adaptar às diferentes realidades educacionais. Nesse contexto, “a parceria com as famílias tornou-se essencial para garantir a continuidade do processo educativo (Cunha et al., 2021, p.573)”. No entanto, a crise sanitária também evidenciou desigualdades sociais e estruturais já existentes, tornando o acesso à tecnologia e à internet um obstáculo concreto para muitas crianças.

Ao iniciar esta investigação sobre as significações das famílias em relação às práticas pedagógicas durante a pandemia, deparamo-nos com incertezas: como as narrativas se revelariam? De que maneira impactariam a pesquisa? No decorrer do estudo, tornou-se evidente que o aprendizado vai além das práticas formais e, em tempos desafiadores, entrelaça-se profundamente com a vida cotidiana.

A partir das narrativas analisadas, foi possível identificar aspectos reveladores sobre as experiências vividas pelas famílias durante o ensino remoto, especialmente no que diz respeito às práticas pedagógicas e às relações estabelecidas com a escola. Com isso, passo a apresentar a interpretação dos resultados da pesquisa, ancorada nos aportes teóricos discutidos anteriormente e na escuta sensível das histórias compartilhadas. É nesse contexto que as contribuições de Freire (1987, p.53) se mostram particularmente relevantes, ao destacar que as “situações-limites” devem ser compreendidas como desafios passíveis de superação por meio da conscientização e da ação crítica. A exclusão de crianças das atividades remotas escancarou um aspecto opressor da educação, que deveria ser um instrumento de emancipação, mas, em muitos casos, resultou em marginalização (Freire, 1986). A desigualdade social interferiu diretamente na qualidade de vida das famílias, afetando o acesso a condições básicas, como alimentação e saneamento, e também a estrutura doméstica, muitas vezes instável e pouco propícia à manutenção de rotinas escolares (Cunha et al., 2021, p.572).

Os registros narrativos evidenciaram a necessidade de uma prática pedagógica mais inclusiva, que considere as condições concretas dos educandos e assegure a participação ativa de todos, especialmente dos mais vulneráveis. Embora a tecnologia tenha possibilitado a continuidade das propostas pedagógicas, muitas crianças ficaram impossibilitadas de participar por diversos fatores. A falta de acesso a dispositivos móveis e à internet constituiu uma barreira significativa. Ouvi relatos de mães que utilizavam o telefone fixo de vizinhos para manter contato com a escola; outras, mesmo dispondo de um celular, enfrentavam limitações na conexão.

Essa reflexão crítica, conforme preconizada por Freire (1987), é essencial para transformar as situações-limites em oportunidades de mudança. As narrativas das famílias ressaltaram também que, mesmo diante das dificuldades, as práticas pedagógicas mantiveram um papel fundamental no desenvolvimento infantil e no fortalecimento do vínculo com a escola. Elas destacaram a importância de propostas lúdicas e interativas — como danças, brincadeiras com objetos do cotidiano e atividades que envolviam todos os membros da casa — que favoreceram o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional das crianças.

As narrativas das famílias salientaram que a presença ativa no acompanhamento das atividades foi determinante para o engajamento infantil, especialmente entre as crianças mais novas, que necessitavam de apoio contínuo. A interação virtual com as professoras e os

colegas também foi apontada como **fundamental para mitigar os efeitos do isolamento social**. As videochamadas despertavam expectativa e alegria, preservando um vínculo emocional e pedagógico importante (Cunha et al., 2021, p.574).

Contudo, um aspecto recorrente nas narrativas deste grupo de participantes, foi a ausência do ambiente escolar físico, considerado insubstituível para o desenvolvimento integral das crianças. A interação social, a liberdade de brincar com os colegas e a rotina escolar eram elementos essenciais que não puderam ser plenamente reproduzidos no ambiente doméstico. Para crianças acostumadas à escola desde muito pequenas, a adaptação abrupta ao ensino remoto foi desafiadora.

As mudanças bruscas no cotidiano e o confinamento prolongado geraram impactos emocionais significativos para crianças e adultos. A ausência da separação entre os espaços doméstico e escolar resultou, em muitos casos, em tensões e dificuldades de convivência. Nesse contexto, nos registros narrativos, as atividades propostas pela escola foram valorizadas não apenas como instrumento de aprendizagem, mas também como estratégia de alívio do estresse e de promoção de momentos de interação e descontração em família.

As percepções das famílias ressaltaram a relevância das práticas educativas remotas na manutenção do desenvolvimento infantil. Ainda assim, ficou claro nas falas que o espaço físico da escola é insubstituível — não apenas para a aprendizagem, mas também para a socialização e o bem-estar emocional. A escola representa um espaço essencial de convivência, troca e crescimento, cuja ausência foi sentida profundamente pelas famílias e, sobretudo, pelas crianças.

Esse período de isolamento social, conferiu um novo significado à palavra “adaptação”. Foi necessário ajustar práticas, expectativas e formas de acolhimento para atender às famílias da melhor forma possível, mesmo à distância. Houve momentos de impotência diante das dificuldades impostas, como se estivéssemos enfrentando uma correnteza que insistia em nos arrastar. Ainda assim, mantivemos a esperança de reencontrar as crianças presencialmente, não para continuar de onde paramos, mas para recomeçar com novos olhares e aprendizagens.

A experiência revelou que, embora o ensino remoto tenha sido uma medida necessária para preservar vidas, também trouxe frustrações e desafios que ainda reverberam. Muitas famílias se sentiram desorientadas, tentando conciliar preocupações, inseguranças e o desafio de assumir um papel pedagógico em casa. Cada lar se transformou em uma sala de aula improvisada, com recursos limitados e rotinas desorganizadas. As crianças, privadas do convívio com os colegas e do olhar atento das professoras, tentavam compreender a súbita mudança em suas rotinas.

“Em 2020, a Educação a Distância foi o recurso possível para assegurar o acesso à educação (Silva et al., 2021, p.8)”. Embora provisória, essa estratégia permitiu a manutenção do vínculo entre escola e família, essencial para um possível desenvolvimento das crianças. A pandemia da Covid-19, um dos “maiores desafios globais da história recente, impactou profundamente a sociedade em múltiplas dimensões — econômica, social, emocional e educacional (Silva et al., 2021, p.16)”. A Educação Infantil enfrentou um de seus períodos mais complexos, reafirmando a importância da escola como espaço insubstituível para a aprendizagem e a formação das crianças.

Nesse contexto, o vínculo entre escola e família tornou-se ainda mais essencial. As atividades enviadas virtualmente, por mais simples que fossem, representavam um esforço para manter vivas as experiências de aprendizagem e a conexão afetiva. No entanto, sabíamos que isso não era suficiente. O ambiente doméstico não oferecia a mesma concentração e engajamento da sala de aula: havia distrações constantes, ruídos, telas que criavam barreiras entre as crianças e o mundo que elas precisavam explorar.

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções desejos, os sonhos devessem ser reprimidos [...]. Nem tampouco compreendi a prática educativa como uma experiência que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (Freire, 1996, p.74).

Nesta reflexão, Freire (1986) reafirma a inseparabilidade entre razão e emoção no processo educativo, ressaltando que a formação humana exige sensibilidade, escuta e afeto, sem abrir mão do rigor e da disciplina intelectual. A educação, portanto, não pode ser desprovida de alma; ela se realiza na integração entre o pensamento crítico e os sentimentos que mobilizam o aprender e o ensinar.

Um dado importante da pesquisa foi que todas as participantes eram mulheres, evidenciando que, na maioria das famílias, a responsabilidade de acompanhar e mediar a educação dos filhos recaiu majoritariamente sobre as mães. Esse dado reflete uma realidade social em que as mulheres continuam a assumir a maior parte das tarefas relacionadas ao cuidado e à educação infantil, mesmo quando acumulam funções profissionais e domésticas. Tal constatação suscita reflexões sobre as dinâmicas de gênero nas famílias e a necessidade de repensar a divisão dessas responsabilidades, especialmente em períodos de crise como o vivido no distanciamento social.

Outro ponto essencial diz respeito ao tempo prolongado de exposição das crianças às telas. Embora o uso de dispositivos eletrônicos tenha sido fundamental para a continuidade das atividades escolares, ele gerou preocupações sobre o desenvolvimento infantil, especialmente no que tange à socialização, ao desenvolvimento motor e à interação com o ambiente. Crianças que antes exploravam o mundo escolar com o corpo e os sentidos passaram a vivenciar experiências limitadas ao espaço virtual, impondo desafios tanto para elas quanto para suas famílias e educadoras/es.

Nesse sentido, Cunha et al., (2021, p. 574) destacam que, “apesar dos esforços para que o ensino tenha continuidade, tanto por parte dos docentes quanto dos discentes, ressaltamos ainda a preocupação das educadoras em relação ao tempo de exposição das crianças às telas”. A ausência de contato direto com colegas e professoras/es gerou sentimentos de solidão, tédio e ansiedade, impactando o bem-estar emocional de muitas crianças.

Considerações finais

A pesquisa desenvolvida permitiu compreender, a partir das narrativas das famílias, como se deram as práticas educativas da Educação Infantil no contexto da pandemia da Covid-19. Ao escutar atentamente as experiências vividas no período de isolamento social, foi possível perceber que as famílias atribuíram diferentes sentidos às propostas pedagógicas enviadas pelas escolas, destacando tanto os desafios enfrentados quanto os esforços realizados para manter o vínculo com o processo educativo.

As análises revelaram que, embora o ensino remoto não tenha substituído a riqueza da convivência escolar, ele se constituiu como uma tentativa de garantir às crianças certa continuidade nos processos de desenvolvimento e aprendizagem. As atividades propostas — muitas vezes adaptadas ao cotidiano doméstico, mobilizaram a criatividade, a escuta e a parceria entre educadoras e famílias. No entanto, também evidenciaram desigualdades no acesso a recursos materiais, tecnológicos e humanos, que impactaram diretamente a participação das crianças nas experiências educativas.

A escuta das famílias indicou ainda o quanto a escola ultrapassou a dimensão do ensino, consolidando-se como espaço de pertencimento, acolhimento e referência afetiva para as crianças. O afastamento físico da escola produziu efeitos importantes, especialmente na dimensão emocional e relacional da infância, reiterando a importância da presença e da convivência no cotidiano escolar.

Por fim, a pesquisa reafirmou a potência das narrativas como instrumento de escuta sensível e valorização das vivências. A escuta das famílias revelou-se essencial para repensar o fazer pedagógico, especialmente em tempos de crise, e contribuiu para a construção de uma reflexão crítica, comprometida com a infância, com a formação docente e com o direito das crianças à educação em sua integralidade.

Referências

- Aguiar T. B., Ferreira, L. H. (2021) Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação no contexto da formação docente. *Educ. rev.* [Internet]. 2021;37: e74451. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.74451>. Acesso em 9 jun 2025.
- Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2010) *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, SEB, 104.
- Brasil. (2020) Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 fev.
- Brasil. Ministério de Educação e Cultura. (1996) LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 9 jun 2025.
- Brasil. Ministério da Educação. (2017) *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-versaofinal.pdf>. Acesso em 9 jun 2025.
- Connelly, F. M., Clandinin, D. J. (1995) In: Larrosa, J. (Org.). *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona, E: Laertes, 1995. p.11-51.

- Cunha, F. S., Ferst, E., M., Bezerra, N.J. F. (2021) O ensino remoto na Educação Infantil: desafios e possibilidades no uso dos recursos tecnológicos. *Revista Educar Mais*, v.5, n.3, p.570–582. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.5.2021.2296>. Acesso em 9 jun 2025.
- Freire, P., Shor, I. (1986). *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lima, M. E. C. C., Geraldi, C. M. G., Geraldi, J. W. (2015). O trabalho com narrativas na investigação em educação. *Educação em Revista*. v.31, n.1, p.17–44. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-4698130280>. Acesso em 9 jun 2025.
- Loponte, L. G. (2013) *Arte para a Docência: estética e criação na formação docente*. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v.21, n.25. Disponível em: <https://doi.org/10.14507/epaa.v21n25.2013>. Acesso em 9 jun 2025.
- Prado, G. V. T., Frauendorf, R. B. S., Chautz, G. C. C. B. (2018). Inventário de pesquisa: uma possibilidade de organização de dados da investigação. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica*, v.3, n.8, p.532–547. Disponível em: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2018.v3.n8.p547>. Acesso em 9 jun 2025.
- Rocha, P. K. (2022). *A relação família-escola e a infância em tempos de pandemia*. 136f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2022.
- Silva, A. F., Boettger, A. R., Benedetti, M. D., Linard, V. R., & Gáscon, M. R. P. (2021). Pandemia e a aprendizagem infantil: percepção de pais e professores. *R. Psicopedagógica*, v.38, n.117, p.3–20. Disponível em: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20210038>. Acesso em 9 jun 2025.
- Thompson, P. (1998). *A voz do passado* (L. L. de Oliveira, Trad.; 2ª ed.). Paz e Terra.
- Vigotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S., Luria, A. R., & Leontiev, A. N. (2010). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (11ª ed.; M. da P. Villalobos, Trad.). Ícone.